Carla A

Margarida Castel

O Rei Batoteiro

LER+
PLANO NACIONAL
DE LEITURA
Recomendado

Verbo

Texto de
Margarida Castel-Branco

Ilustrações de
Carla Antunes

O Rei Batoteiro

Verbo

Foi numa linda manhã de sol e de moscas no pino do Verão. O Rei e a Bruxa, como de costume, jogavam ao prego sentados na areia, mas, ao contrário do costume, a Bruxa estava a ganhar. O Rei já começara a ficar esbrenhaxa e, quando jogava,

puxava o manto a ver se o prego batia nele, gritando constantemente: «Não vale! Bateu no manto! Bateu nesta pedrinha! Ainda não perdi!» Já estão a ver que o Rei era um grande batoteiro, e a Bruxa, que já estava farta daquilo, a certa altura, encheu-se de raiva e disse:

– Tazbrenhaxa! Vai jogar com quem quiseres! Comigo não jogas mais que eu não sou Bruxa para batotices!

O Rei amuou, pegou no manto e foi para umas rochas à beira da água a pensar no que havia de fazer àquela Bruxa que nem respeitava o seu soberano. Estava ele nisto quando ouviu uma voz que lhe pareceu vir do fundo do mar... A voz era muito desafinada e cantava assim: «Tiroliroliro-ai-ai-ai!»

A cantiga ouvia-se cada vez mais perto, até que, do verde mar, surgiu a mais linda Sereia que ele jamais vira (o Rei nunca tinha visto nenhuma antes daquela). Tinha o cabelo encarapinhado cor de cenoura, uma boquinha que lhe ia de orelha a orelha de onde saía a tal música.

Então, impressionado com tanta beleza, disse:

– Que me queres, bela Sereia, que assim me olhas cantando tão linda canção?

– Nobre e poderoso Senhor! Eu sou a Sereia Serafita! Venho do fundo do mar para falar contigo! Mas prefiro que venhas ao meu palácio pois não quero que aquela horrível Bruxa oiça o que te vou dizer. Vem!

O Rei arregaçou o manto e, conforme pôde, lá seguiu a Sereia. Mas quando a água lhe começou a chegar à ponta dos sapatos teve um arrepio. Preparava-se para voltar para trás quando viu a Bruxa a fazer-lhe muitas sinalefas, chamando-o para a praia; então resolveu armar-se em forte e, segurando a coroa com imponência, atirou-se de mergulho. Seguindo o rasto da Sereia chegou num instante a um castelo maravilhoso todo feito de madrepérola e coral.

Dois Tritões montados em cavalos-marinhos guardavam a entrada. O Rei que tinha perdido de vista a Sereia estava bastante atrapalhado sem saber o que havia de fazer para que aqueles dois importantões o deixassem entrar.

Então os Tritões, tirando do bolso dois búzios começaram a tocar: «Tataralá! Tataralá! Tataralá!» O Rei ainda olhou para trás, mas como não havia mais ninguém, avançou todo importante, porque além de batoteiro era muito tolo. Atravessou imensas salas, todas tão lindas que era mesmo um gosto ver, e, depois de muito andar, acabou por se achar numa espécie de sala do trono onde estava sentada a tal Sereia dos cabelos ruivos.

– Então, tens gostado do meu palácio? – perguntou ela.

– Nunca vi coisa mais bela, nem mais rica!

– Ah! Ah! Ah! – riu a Sereia com a sua voz de cana rachada. – Tens visto pouco! Vem comigo, quero mostrar-te uma coisa que te vai deixar de boca aberta. – E, fazendo-lhe sinal para a seguir, dirigiu-se aos subterrâneos do palácio.

Quando chegaram lá abaixo, a Sereia abriu uma porta e logo mais de mil reflexos de todas as cores chegaram aos seus olhos!

Eram tantas, tantas pedras preciosas, que o Rei nem encontrava palavras, tão espantado estava... Então a Sereia, vendo como todas aquelas riquezas buliam com o coração do Rei, disse:

– Metade de tudo isto será teu se me deres o príncipe em casamento.

– O meu filho?! Como é que o conheces se anda por tão longínquos mares?

– Pois foi mesmo no mar que eu o conheci! Ele está embarcado num submarino e, sempre que o seu barco desce ao fundo, eu espreito por uma das vigias para o ver! Ai! Que saudades já tenho! Há três horas que não o vejo!...

– Tazbrenhaxa! – disse o Rei que não foi capaz de dizer mais nada.

– Quero casar com o teu filho, ouviste? Quero casar com o Príncipe, quero ser princesa! Quero! Quero! Quero! – E batia com a cauda no chão com tal fúria que o palácio estremecia todo.

– Ó Dona Sereia, decerto, decerto! – respondeu o Rei para ver se a acalmava. Entretanto ia pensando com os seus botões que queria era apanhar o tesouro e o Príncipe depois que se governasse com tal consorte.

Quando o Rei regressou a terra apanhou logo uma descasca da Bruxa

«Porque ele não devia ter ido, porque aquela Sereia era uma peste, sim, que ela, Bruxa, já a conhecia há mais de quinhentos anos e sabia perfeitamente do que ela era capaz.»

O Rei fez ar de quem não dava importância e disse:

– Peste ou não peste, quero que ela seja minha nora!

– Tua nora!!! Ah! Malfadada Sereia que assim te encantou! Então vais dar o teu filho àquela horrível criatura! Tazbrenhaxa! Naturalmente ela prometeu-te muitas riquezas!?... Seu ambicioso, seu batoteiro toleirão! Seu ganancioso!!! Hás-de ser castigado!... Tazbrenhaxa! Quanto ao casamento, fica por minha conta!

O Rei enfureceu-se e disse-lhe que se pusesse a andar mais os seus Tazbrenhaxas, porque já estava farto de a aturar.

Então, a Bruxa pegou na vassoura e, rapidamente, voou em direcção ao submarino do Príncipe.

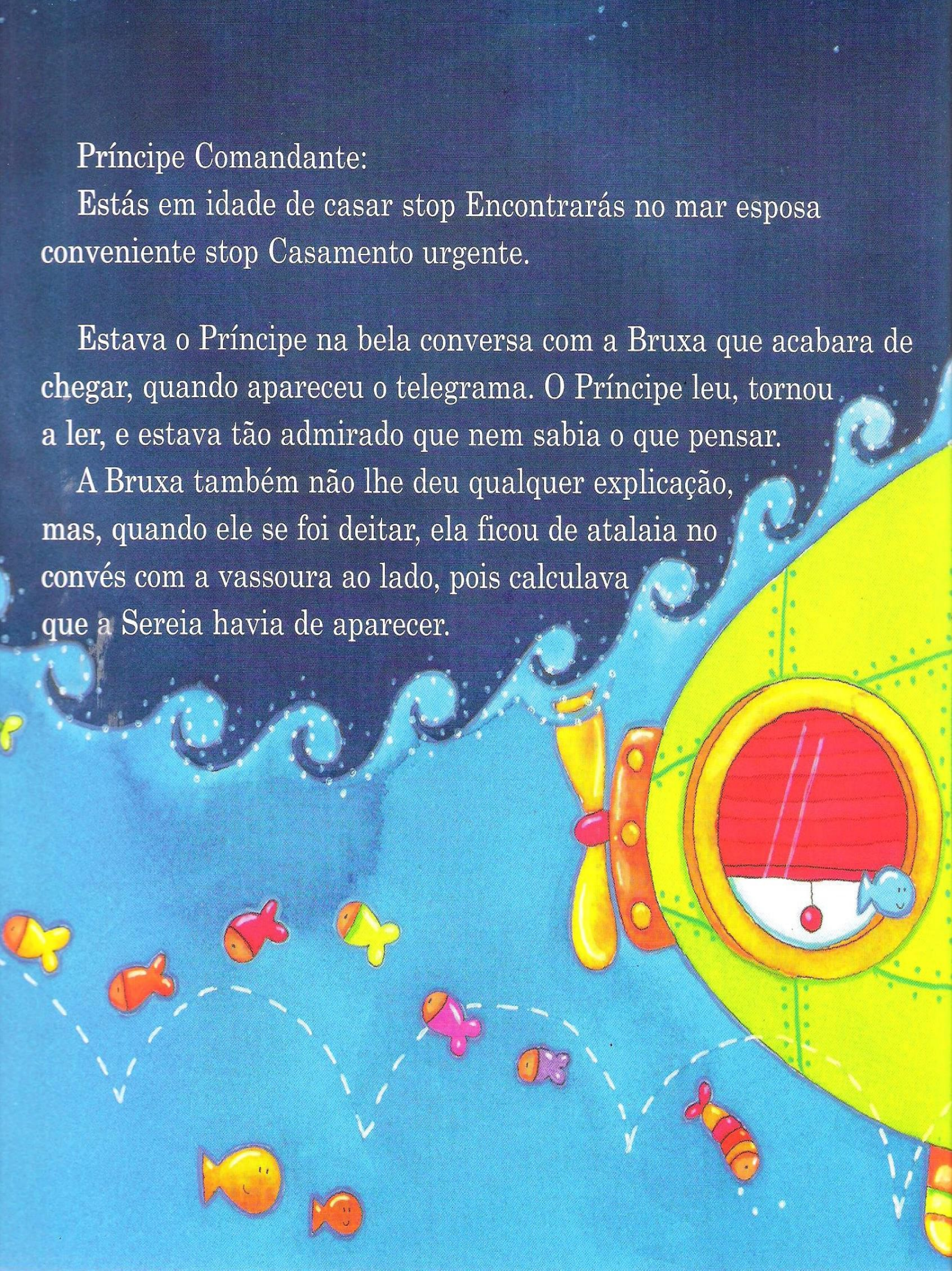
– Desta já eu estou livre! – suspirou o Rei e, dirigindo-se ao seu escritório, escreveu o seguinte telegrama:

Príncipe Comandante:

Estás em idade de casar stop Encontrarás no mar esposa conveniente stop Casamento urgente.

Estava o Príncipe na bela conversa com a Bruxa que acabara de chegar, quando apareceu o telegrama. O Príncipe leu, tornou a ler, e estava tão admirado que nem sabia o que pensar.

A Bruxa também não lhe deu qualquer explicação, mas, quando ele se foi deitar, ela ficou de atalaia no convés com a vassoura ao lado, pois calculava que a Sereia havia de aparecer.



À meia-noite, ouviu um barulho esquisito. Era a Sereia que se aproximava aos pulinhos. A Bruxa esperou-a escondida atrás do periscópio e, mal a viu aparecer, pegou na vassoura e deu-lhe tantas, que a Sereia fugiu aos gritos agarrada à cauda e meteu-se pela água dentro.

«Tazbrenhaxa!», – pensou a Bruxa. «Agora já não voltas cá tão cedo!» E como no submarino todos tinham acordado com o barulho, montou-se na vassoura, que era pau para toda a obra, e voou para as terras de Karabanechel, onde vivia um outro Rei que tinha doze filhas todas esbrenhuxas.

Quando lá chegou, viu a passear num barquinho junto à praia uma das filhas do Rei, a Princesa Janota.

«Estás esbrenhuxa! Cais como mosca no mel», pensou ela com os seus botões. E enchendo bem os pulmões soprou tanto que o barco se afastou da praia.

Quando se viu assim longe de todos, a Princesa pôs-se a gritar pelo Pai e pela Mãe e pelas irmãs e pela família toda de tal maneira que a Bruxa teve de lhe atirar com pozinhos de perlimpimpim que a puseram logo a dormir.

Só depois de ver a Princesa adormecida é que continuou a soprar o barquinho na direcção do submarino do Príncipe.

Quando lá chegaram já nem tinha fôlego.

Felizmente o submarino estava fora de água e o Príncipe à proa a ver com o seu binóculo o que se passava ao longe. A Bruxa, quando teve a certeza de que ele já vira a Princesa, voou para o barco, instalou-se num canto, puxou o chapéu de bico para os olhos e adormeceu.

Acordou ao som de uma linda marcha tocada pelos músicos de bordo e, qual não foi o seu espanto, quando viu a Princesa toda vestida de branco com um fato feito com os reposteiros da casa de jantar e o Príncipe muito bem fardado, ambos a receber os parabéns de toda a gente.

Só então a Bruxa percebeu que tinha dormido três dias e três noites, durante os quais o Príncipe percebeu que aquela devia ser a noiva de quem lhe falara o seu Pai, a Princesa percebeu que bons ventos a tinham empurrado para ali e, como se tinham percebido um

ao outro, resolveram casar-se logo. Nesta altura a Bruxa, que continuava escondida no seu canto, ouviu dizer que os Príncipes fariam uma viagem de núpcias ao fundo do mar e, como não tinha nenhuma vontade de se encontrar com a Sereia, resolveu ir-se embora sem ninguém dar por ela.

Porém, uma vez montada na vassoura, ficou sem saber para que lado ir e, durante muito tempo, deu voltas e reviravoltas no ar, até que lhe veio um grande desejo de jogar ao prego...

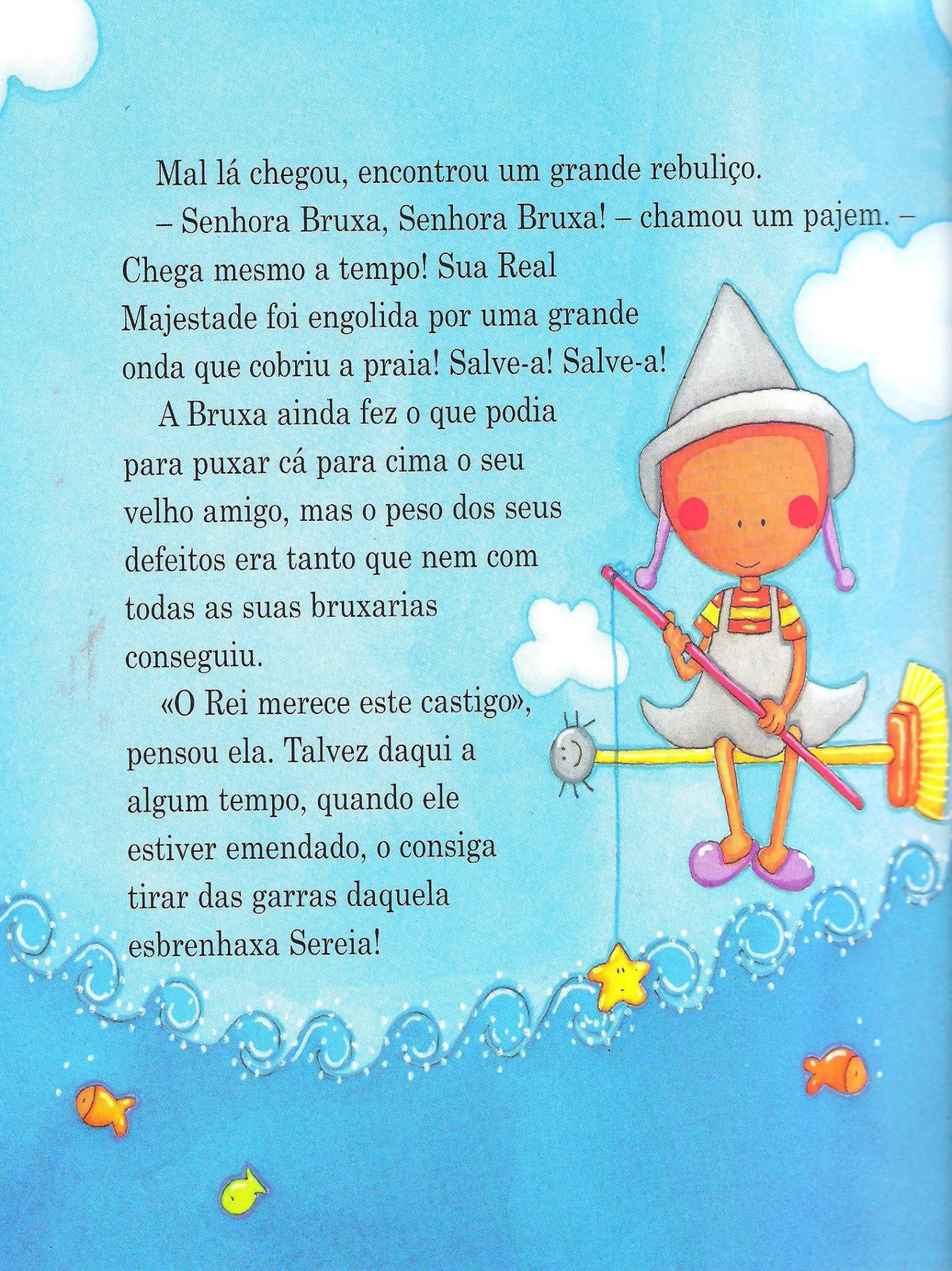
Dirigiu-se para a praia onde costumava encontrar o Rei.

Mal lá chegou, encontrou um grande rebuliço.

– Senhora Bruxa, Senhora Bruxa! – chamou um pajem. – Chega mesmo a tempo! Sua Real Majestade foi engolida por uma grande onda que cobriu a praia! Salve-a! Salve-a!

A Bruxa ainda fez o que podia para puxar cá para cima o seu velho amigo, mas o peso dos seus defeitos era tanto que nem com todas as suas bruxarias conseguiu.

«O Rei merece este castigo», pensou ela. Talvez daqui a algum tempo, quando ele estiver emendado, o consiga tirar das garras daquela esbrenhaxa Sereia!



Fim